

O ESPAÇO QUE DEIXAMOS VAZIO

Uma reflexão sobre finitude, liberdade e a coragem de formar pessoas capazes de viver, decidir e prosperar plenamente mesmo diante da nossa ausência definitiva.

Por Aínor Francisco Lotério

Educar não é ocupar espaço

Existe uma forma de educar que se confunde com presença contínua, como se o valor de um pai, de um líder ou de um formador se medisse pela quantidade de espaço que ocupa na vida do outro. Essa lógica, tão comum nas estruturas familiares e institucionais, esconde um equívoco de fundo: confunde cuidado com controle, e formação com dependência. A proposta aqui é outra. Educar, formar, liderar, no sentido mais maduro dessas palavras, é preparar deliberadamente as condições para que o outro prescindia de nós. A isso chamo Pedagogia da Ausência.

A retirada como disciplina

A Pedagogia da Ausência não nasce do desinteresse nem do abandono. Nasce da confiança construída ao longo de um processo formativo sério, e se expressa no gesto consciente de recuar para que o outro avance. Um filho que só floresce enquanto o pai está por perto não foi formado para a autonomia, foi treinado para a dependência. Um sucessor que só decide bem sob supervisão constante não herdou responsabilidade, herdou vigilância. A retirada formativa, portanto, não é um evento único, é uma disciplina contínua: recuar um passo de cada vez, na medida exata em que o outro consegue ocupar esse espaço com autonomia real.

O olhar que se volta para dentro

Essa pedagogia se conecta diretamente a uma segunda ideia, que chamo de Sétima Direção. As seis direções externas (norte, sul, leste, oeste, alto e baixo) organizam a vida prática: a ambição, o repouso, os começos, as despedidas, as conquistas e as quedas. Mas depois de percorridas essas seis, resta uma direção que nenhuma bússola indica: o olhar que se volta para dentro. É nessa direção interior que a retirada formativa encontra seu teste mais exigente, porque não basta ensinar o outro a viver sem depender de nós, é preciso aprender a viver sem depender das versões antigas de nós mesmos. Os papéis, os títulos, as agendas cheias, a imagem pública construída ao longo de uma vida, tudo isso também precisa, em algum momento, ser dispensado.

Liberdade como recusa de aprisionamento

A liberdade, entendida como valor central da existência, tem nessa dispensação interior sua expressão mais radical. Não se trata apenas de recusar estruturas que aprisionam de fora, mas de recusar aprisionar-se às próprias certezas, aos próprios hábitos de

pensamento, às próprias versões passadas. Um estilo de vida sem base fixa, seja no sentido geográfico, seja no sentido existencial, não é instabilidade, é a recusa deliberada de transformar qualquer ponto de parada em prisão. Manter-se em movimento, físico ou interior, preservando apenas um lugar de referência para a memória e para os vínculos essenciais, é uma forma madura de habitar o mundo sem ser possuído por ele.

A finitude como horizonte formativo

O elemento que atravessa e sustenta toda essa reflexão é a finitude. É a consciência da própria mortalidade que dá seriedade e urgência à Pedagogia da Ausência, porque formar alguém para a autonomia diante da nossa ausência definitiva não é pessimismo, é a forma mais honesta de amor que um educador pode oferecer. Quando a finitude é negada ou empurrada para fora da consciência, a tendência natural é a perpetuação do controle, a ilusão de que sempre haverá tempo para formar, para corrigir, para estar presente. Quando a finitude é assumida como horizonte real, a formação se torna mais intencional, mais generosa e menos protelável.

A dispensação como objetivo final

A dispensação, compreendida dessa forma, não é sinônimo de abandono, é o reconhecimento de que toda formação verdadeira tem como objetivo final o dia em que o formador se torna dispensável. Isso vale para a relação entre pais e filhos, entre líderes e sucessores, entre mestres e discípulos, e vale, sobretudo, na relação que cada pessoa estabelece consigo mesma ao longo da vida. A Sétima Direção não aponta para um lugar geográfico nem para uma conquista externa. Aponta para o instante presente em que se decide, deliberadamente, deixar morrer aquilo que já cumpriu sua função, para que o que resta possa, finalmente, existir sem a interferência do que já não é necessário.

Informações sobre o autor: www.loterio.com.br

Contato para palestras, rodas de conversa ou eventos: ainorfloterio@gmail.com | WhatsApp (47) 99967-5010